

1 | SUMMER

Ela tem-me entre a espada e a parede.

Bem, pelo menos no sentido figurativo.

A espada em questão: o hóquei. A mulher a segurá-la: a Doutora Laura Langston.

— Hóquei? — repito. — Quer que escreva a *minha* candidatura a mestrado sobre hóquei?

A Langston tem sido a minha orientadora de mestrado no último ano, mas tenho andado sob a sua alçada desde que entrei na Universidade de Dalton.

Ela é tudo o que eu quero ser e sou obcecada por todos os trabalhos académicos que escreveu. É a minha paixoneta mais croma possível. Com um doutoramento em psicologia do desporto, inúmeros artigos publicados e experiência com atletas olímpicos e de todas as nacionalidades, ela é inspiradora.

Até a conheceres melhor.

Quando disseram «Não conheças os teus heróis», estavam a falar da Laura Langston. Ela é o equivalente humano de um enxame de vespas zangadas. Há muitos professores que tratam os alunos como lixo e pensam que o seu diploma luxuoso significa que podem ser tiranos, mas a Langston é uma espécie diferente. O seu brilhantismo é inegável, mas ela é paternalista, desdenhosa e propositadamente difícil quando sabe que preciso da sua ajuda.

Então, por que raio a escolhi como minha orientadora? Porque a sua taxa de sucesso na entrada de estudantes no prestigiado programa de mestrado de Dalton é demasiado aliciante para ser ignorada. É o programa número um na América do Norte e os estudantes avaliados por ela têm aceitação garantida. Já para não falar que é ela quem escolhe o aluno elegível para o estágio — um programa competitivo que permite que um aluno do grupo trabalhe com a Equipa dos EUA. É o meu sonho desde os oito anos, por isso vou sofrer com a sua ditadura monstruosa se significar que em breve terei o meu próprio mestrado em psicologia do desporto.

— Tens de começar a usar os teus recursos a teu favor, Summer. — Ela observa-me por cima das hastes dos óculos. — Sei que odeias hóquei, mas esta é a tua última oportunidade de submeteres uma candidatura.

A palavra *odeias* passa-lhe pelos lábios como se a minha aversão ao desporto fosse completamente inventada. Considerando que ela é uma das poucas pessoas que sabem o porquê de me manter longe de riques gelados e dos homens igualmente gelados que lá patinam, mal consigo manter a compostura. Enfiar-me no centro daquele círculo azul com um estudo de investigação empírica que determina o destino do meu futuro é pura maldade. Uma maldade que só a Dra. Langston e o seu coração de gelo conseguem controlar.

— Mas porquê hóquei? Posso ficar com futebol. Basquetebol. Até *curling*. Não me importa. — A Dalton tem sequer uma equipa de *curling*?

— Exatamente. Tu não te importas. Preciso que faças algo com que te importes. Algo com que te sintas bem. Daí o hóquei.

Odeio que ela tenha razão. Deixando de lado a sua natureza sinistra, ela é uma mulher inteligente. Quero dizer, ela não tirou o doutoramento por nada, mas ser aluno dela é um terror.

— Mas...

Ela levanta uma mão.

— Não vou aprovar mais nada. Fazes o que disse ou perdes o teu lugar. A escolha é tua. — É como se o Universo me tivesse enviado o meu próprio «Vai-te lixar», na forma de uma professora. Anos a esforçar-me na licenciatura para me dizerem que o hóquei é a minha salvação. Que anedota. Cerro os punhos e engulo a vontade de gritar.

— Não tenho grande escolha, Dra. Langston.

— Se não és capaz de o fazer, então sobrestimei o teu potencial, Summer. — A voz dela torna-se aguda. — Tenho quatro alunos capazes de matar alguém para estar no teu lugar, mas foste tu quem escolhi. Não me faças arrepender disso.

Ela não me escolheu propriamente. Tinha uma média de 4,2 e cartas de referência ótimas. Para não falar do exame de orientação extremamente difícil que ela implementou no ano passado, para seleccionar os melhores alunos. Apanhei uma intoxicação alimentar na cantina do *campus* nessa semana, mas mesmo assim arrastei-me para o exame. Ganhei a todos e raios me partam se me tiram o lugar agora.

— Compreendo o que diz, mas, como sabe, não gosto muito de hóquei. Por uma boa razão, devo acrescentar, e duvido que a minha pesquisa seja uma representação exata, tendo em conta esse facto.

— Ou ultrapassas a tua apreensão ou perdes aquilo pelo qual trabalhaste.

Apreensão?

Ignorá-lo é como tentar ignorar uma bala alojada no crânio.

— Não há nenhuma razão para não poder escolher basquetebol. O treinador Walker deixar-me-ia de bom grado colaborar com um dos jogadores.

— O treinador Kilner já concordou em permitir que um dos meus alunos colabore com os seus jogadores. Dá-me a tua proposta completa até ao final da semana ou perdes o teu lugar, Sra. Preston. — A despedida torna-se óbvia quando ela se afasta de mim na cadeira.

Se pudesse cometer um crime e safar-me, tenho a sensação de que iria incluir a Dra. Langston.

— Está bem. Obrigada — murmuro. Ela está a escrever agressivamente no computador, provavelmente a tornar a vida de outro aluno num inferno. Imagino-a a ir para casa riscar os nomes dos alunos que conseguiu atormentar. O meu nome e à boneca onde espeta alfinetes estão hoje no topo dessa lista.

Nos últimos três anos, consegui evitar tudo o que tinha que ver com o hóquei, mas nos próximos meses vai ser a minha prioridade. Estou

mais do que lixada e tenho de aceitar a minha repugnância pelo desporto dos meus antepassados canadianos.

É preciso toda a minha força de vontade para não lhe bater com a porta quando saio.

— Parece chateada.

A voz vem do corredor que dá para a sala de estar do consultório. O Donny está encostado à parede, vestido de caxemira e com os olhos castanhos focados em mim.

Cometi alguns erros desde que cheguei à universidade. O Donny Rai é um deles.

Depois de dois anos numa relação esgotante, não temos outra opção senão vermo-nos todos os dias, porque estamos ambos a tirar o mesmo curso e a candidatar-nos ao mesmo programa de mestrado. Não fazemos parecer uma competição, mas sei que o Donny quer tanto o lugar no estágio como eu.

Ele acompanha-me.

— Recebeste algum ultimato?

— Exatamente. — Olho para ele. — Como é que sabias?

— Ela fez o mesmo à Shannon Lee, há uma hora. A Shannon está a pensar em desistir.

Arregalo os olhos. A Shannon é uma das alunas mais inteligentes do *campus*. O seu trabalho em psicologia clínica foi enviado para revisão, tornando-a a aluna mais jovem a ser considerada seguir para publicação.

— Isso é ridículo. — Abano a cabeça, entendendo o quão lixada estou. — Tens tanta sorte por teres apresentado a tua candidatura mais cedo. Nós estamos presos a este requisito novo.

Ele encolhe os ombros.

— É apenas uma aceitação condicional.

— Pois, como se alguma vez fosses baixar o teu 4,0.

— 4,3 — corrige ele.

Todos os anos, o Donny está no topo do Quadro de Honra, bem como em todos os clubes e comités imagináveis. É o jovem-propaganda da Ivy League, por isso não é surpresa nenhuma que tenha conseguido entrar neste programa competitivo. Gosto de pensar que também sou academicamente dotada, mas, em comparação, mais valia usar um boné de burro.

— Tenho uma reunião. Mas vou ajudar-te com a tua candidatura, ambos sabemos que vais precisar.

O insulto magoa-me, mas o Donny sorri e afasta-se para ir para a reunião com o *Jornal Dalton Royal*. Sim, ele também trabalha no jornal da escola.

Quando, por fim, entro no meu dormitório, caio no sofá da sala.

— Se te desse uma pá, batias-me na cabeça com ela? — pergunto à Amara.

— Depende. Vou receber algum pagamento? — Gemo contra a almofada, mas ela afasta-a. — O que fez ela, agora?

Eu e a Amara Evans somos colegas de quarto desde o primeiro ano. Felizmente para mim, ser a melhor amiga de um génio da tecnologia faz com que também usufrua das regalias da universidade — ganhas graças às contribuições da Amara. A regalia mais importante foi a Casa Iona. O único complexo de habitação para estudantes com unidades de dois quartos e duas casas de banho. Continua a ser pequena, mas tudo é melhor do que as casas de banho comuns onde o pé de atleta espreita em cada canto.

— Ela vai obrigar-me a escrever a minha candidatura sobre o hóquei — digo-lhe.

A Amara deixa cair a almofada.

— Estás a brincar. Pensei que ela sabia do que aconteceu.

— Ela sabe! É o que recebo por partilhar os meus segredos com ela.

— Não podes encontrar outra orientadora? Ela não pode ser a única a conseguir que os alunos sejam aceites no programa.

— Ninguém tem a taxa de sucesso dela. É como se estivesse a manipular as aceitações ou algo assim. No entanto, talvez ela tenha razão. Devia deixar de lado a minha *apreensão*.

A Amara inspira profundamente, surpreendida.

— Ela não disse isso!

— Oh, disse sim. — Suspiro, sentando-me. — Porque é que voltaste tão cedo?

— Estar sentada numa sala de conferências, com um monte de gajos suados, não é a forma como quero passar o primeiro dia em que estou de volta.

O facto de se licenciarem em ciências informáticas significa que noventa por cento da turma da Amara são homens. O que não é algo a que esteja habituada, pois vem de uma família com cinco irmãs. É a do meio e diz que nunca teve um momento de paz. Presa entre a posição irrealizável de ser a irmã mais velha e a mais nova, e de, simultaneamente, ter de lidar com as hormonas e birras da adolescência. Como alguém com irmãs gémeas que nasceram quando eu já tinha alguns anos, não me consigo identificar.

— Vais à festa hoje à noite? — pergunta ela.

Estar rodeada por gajos bêbedos de uma fraternidade qualquer parece um pesadelo.

— Tenho demasiadas coisas para fazer.

O seu olhar exasperado avisa-me que vou receber um sermão.

— No semestre passado, disseste que ias descontraír e aproveitar o teu último ano. Disseste que ias sair mais, Summer. Se tiver de te arrastar, fá-lo-ei. — Eu disse mesmo aquilo. Para ser justa, foi depois de ter chorado por causa de um trabalho particularmente difícil e de a nota perfeita do Donny me ter feito passar dos limites. Foi aí que jurei descontraír mais, porque só me concentrar na escola não melhorava as minhas notas.

Lanço-lhe um olhar envergonhado.

— Mas tenho de começar a escrever a proposta e ler documentos.

Ela solta um suspiro.

— Está bem. Eu vou com a Cassie, mas tens de prometer que vais fazer algumas pausas.

— Prometo. Até vou correr mais tarde.

A Amara abana a cabeça, em sinal de desaprovação.

— Não é esse tipo de pausa de que estava a falar, mas aceito qualquer coisa se isso te tirar daqui.

2 | AIDEN

Ela observa-me a dormir.

Afastar-me dos últimos vestígios do meu sonho significa que estou demasiado consciente do que me rodeia. Ou ela está a apreciar a vista, o que não era culpa sua, ou a planear arrancar-me a pele e usá-la mais tarde.

A última hipótese parece mais provável, visto ter adormecido ontem à noite.

A festa de boas-vindas na nossa casa ficou um pouco fora de controlo. Por «um pouco» quero dizer *extremamente* fora de controlo. Quando o extremo-esquerdo da Universidade de Dalton — e um dos meus melhores amigos —, o Dylan Donovan, fica encarregado de organizar uma festa, é normal que esta se transforme numa de arromba. Principalmente porque decidi não ser eu a policiá-la. Tínhamos acabado de regressar das férias, por isso era a única vez que iria beber antes de a época recomeçar e não sei se me vou arrepender dessa decisão, até entender as consequências.

Abrir os olhos significa ter de lidar com as consequências.

Ontem à noite, a Aleena — uma ruiva muito atraente — decidiu que era do meu corpo que queria beber *shots*, portanto, é normal que tivéssemos acabado no meu quarto, nus e em cima um do outro. Mas isso não durou muito tempo, porque a privação de sono é real e eu sou a vítima.

Treino todos os dias, tenho um curso completo e, quando não o estou a seguir, mantenho os rapazes fora de sarilhos. Por isso, quando a deitei na cama e comecei a beijar-lhe a barriga, fiquei completamente inconsciente. Teria sido vergonhoso se estivesse consciente, mas o sono foi tão bom que não tive queixas.

— Bom dia. — Estico os braços por baixo da cabeça e abro os olhos para ver exatamente o que esperava.

Cabelo ruivo acumulado no meu peito e lábios carnudos presos entre dentes brancos.

— Dormiste bem? — pergunta ela. — Espero que não te sintas tão preguiçoso esta manhã.

Qualquer outra pessoa teria ficado ofendida pelo comentário, mas eu não. Não quando todas as raparigas do *campus* sabem que *preguiçoso* e *Aiden Crawford* não são usados na mesma frase. Foi um caso isolado e, a julgar pelos seus olhos azuis escurecidos, ela sabe que a vou compensar.

Rio-me.

— Dormi muito bem, na verdade.

— Bem, se já estás acordado. — Ela passa uma unha vermelha pelo meu peito. — Podemos começar bem o dia.

Que tipo de anfitrião seria se recusasse a sua oferta? Quando a mão dela desce, viro-a e compenso-a pela noite passada.

Quando a Aleena acaba de tomar banho, já eu estou lá em baixo a fazer o pequeno-almoço. Acontece que as mulheres são fãs de cabinas de hidromassagem e eu sou o proprietário orgulhoso da única desta casa. E por direito, porque foram os meus avós que compraram a casa quando fui aceite em Dalton. No entanto, isso não impediu o Kian Ishida, o extremo-direito da equipa e o nosso colega de casa, de lutar comigo com unhas e dentes pelo quarto. Ser o capitão de equipa sempre me ajudou a ganhar desentendimentos, mas agora ele dorme no outro lado do corredor, ouve música alta e bate constantemente à porta do meu quarto.

Ofereço o pequeno-almoço à Aleena, mas ela abana a cabeça em resposta antes de sair pela porta da frente. Sorrio sozinho. Não há nada melhor do que um encontro de uma noite que não tenta ser tua namorada pela manhã.

O Eli observa a nossa interação, erguendo as sobrancelhas.

— Mas que novidade.

— O quê?

— Já passa das dez horas. Nunca tiveste uma rapariga que ficasse cá tanto tempo. Por fim encontraste a tal? — Ele arregala os olhos, com um sorriso que eu iria adorar arrancar da sua cara.

— Adormeci ontem à noite, antes de fazermos alguma coisa. Era o mais justo a fazer.

— Que cavalheirismo — diz ele, secamente. — Ultimamente, tens andado exausto. Não achas que precisas de te acalmar?

Agora, é a minha vez de me rir. Eu e o Elias Westbrook — Eli, como toda a gente o conhece — conhecemo-nos desde que usávamos fraldas. A preocupação dele não me irrita como a das outras pessoas, porque sei que a expõe com muita cautela e devo estar mesmo mal nos treinos e nas aulas, para ele mencionar seja o que for.

— Estou ótimo. Consegui aguentar este tempo todo, o que são mais uns meses?

Ele não parece gostar da resposta, mas limita-se a acenar com a cabeça e a colocar os ovos no prato.

— Que festa incrível, malta. — Um madrugador solitário entra só de *boxers*, com o resto da roupa pendurada no braço. O *pin* no seu casaco diz-me que é um dos irmãos da fraternidade do Dylan.

O Dylan é o único do grupo que faz parte de uma fraternidade. A Kappa Sigma Zeta trata-o como realeza e, embora viva connosco, podia facilmente ter a suíte principal da casa Greek Row. Contudo, segundo ele, ter de estar na mesma casa que os «caloiros lambe-botas» é a última coisa que quer.

Como uma colherada de papas de aveia.

— Onde está o resto da malta?

O Eli olha para o telemóvel e mostra-me o ecrã. É uma fotografia do Kian desmaiado na relva, à entrada do *campus*. Atrás dele, o monumento do *Sir Davis Dalton* está vandalizado. Fecho os olhos e peço que haja uma explicação simples para isto. Talvez seja um trabalho de Photoshop muito bom.

— Quem foi que a tirou?

— O Benny Tang.

Faço uma pausa, a meio da dentada.

— O de Yale? Que estava cá a fazer? — Ter os gajos de Yale cá, depois de os termos massacrado no jogo antes das férias de inverno, é um cenário péssimo. A última coisa de que me lembro antes de subir as escadas foi de dizer ao Dylan para acabar com a festa depressa. Ao que parece, ele não me deu ouvidos.

— Talvez seja melhor perguntar ao Dylan. Eu não estava cá.

Claro que não estava. Se o Eli, o segundo responsável, não estava na festa, significa que as duas crianças, o Dylan e o Kian, foram os responsáveis.

Tudo começou quando perderam uma aposta, no semestre passado, que nos obrigou a organizar a maior parte das festas no *campus*. As festas que não organizarmos, temos de fornecer a bebida. Quando descobri, mandei-os ficar no banco durante dois jogos seguidos.

Apesar de tudo, gostava que fosse um pesadelo e que eu estivesse na cama com a Aleena.

— E será que quero saber onde está o Dylan? — pergunto com cautela.

Quando o Eli volta a erguer o telemóvel, eu gemo.

Ele ri-se.

— Estou a brincar, meu. Ele está desmaiado na sala de estar.

* * *

— Fui eu.

Toda a gente na sala olha para mim e arrependo-me de ter aprendido a falar. Os ruídos na minha cabeça persistem, porque o treinador quis torturar-nos no treino antes de nos reunirmos na sala de imprensa para uma reunião obrigatória. O branco brilhante do ringue fez a minha dor de cabeça duplicar. Não bebo com frequência e o meu corpo nunca me deixa esquecer quando o faço, por isso hoje não foi exceção. Tudo foi intensificado, incluindo a voz alta do Kian, ao berrar maluquices sobre o motivo pelo qual o treinador tinha convocado uma

reunião. O miúdo acordou com manchas de relva no corpo e ainda questiona o porquê da reunião.

Quando o treinador Kilner entrou, estava furioso, com a pele pálida a brilhar de vermelho. Até tirou os chapéus da cabeça dos juniores, que se encolheram imediatamente na fila de trás, e comecei a arrepende-me da minha decisão de me sentar à frente. O Kian e o Dylan também estavam ao fundo, escondidos atrás dos guarda-redes.

— Uma festa de merda que enodoou o *campus*? — O treinador gritou e, de repente, tudo fez sentido. — Isto é uma piada para vocês? Nunca, nos meus vinte e cinco anos de treinador, tive de lidar com este tipo de desrespeito flagrante pelo código de conduta da escola.

Essa parte não era de todo verdade. Sei de fonte segura que o Brady Winston, o capitão do ano anterior ao meu, deu uma festa em casa que lhe valeu um ano de expulsão da Greek Row. O carro do reitor desapareceu, a piscina da equipa de natação foi destruída e todas as atividades extracurriculares canceladas. Por isso, tenho a certeza de que enodoar o *campus* e vandalizar o monumento do *Sir* Davis Dalton não é a pior coisa que alguma vez aconteceu.

— Quando me tornei treinador, depois de anos na liga — começou ele, enquanto o Devon murmurava *Lá vamos nós* ao meu lado —, nunca pensei que iria dar um sermão aos meus jogadores seniores por causa de festas.

— Treinador, a festa...

— Cala-te, Donovan — repreendeu o Kilner. — Estamos nas eliminatórias que nos vão levar ao Frozen Four e andas a arranjar problemas com outras faculdades. Nesta altura?

— Foram os de Yale que vieram cá. Não deviam ser eles a sofrer as consequências? — perguntou o Tyler Sampson, o nosso capitão suplente e um dos rapazes mais inteligentes da equipa. Ele vai para a faculdade de Direito, em vez de seguir as pisadas do pai, uma estrela do hóquei.

— Eles não são problema meu, vocês é que são, idiotas! Devia mandar suspender-vos a todos — diz ele, com a raiva a escorrer-lhe pela testa coberta de suor.

— Mas depois não podíamos jogar no Frozen Four. — A intervenção do Kian não ajudou ao resto do discurso e, agora, ele ficou com a tarefa

de lavar a roupa da equipa durante um mês. Inicialmente, era uma semana, mas o Kian continuou a protestar e toda a gente sabe que quando o treinador nos dá um castigo, fechamos a matraca e aceitamos.

Depois disso, ninguém o interrompeu, exceto quando abri a boca para me incriminar.

— Que queres dizer com isso? — pergunta o treinador, olhando fixamente para mim. Já vi aquele olhar grave demasiadas vezes e devia assustar-me o suficiente para me sentar, mas não o faço.

— Fui eu que dei a festa.

O Eli pragueja atrás de mim, mas não diz mais nada porque sabe que, quando tomo uma decisão, não há nada que alguém possa dizer para me dissuadir.

O treinador passa uma mão pela boca, murmurando qualquer coisa. O mais provável é que seja sobre o facto de eu ser um idiota e tenho de concordar.

— É isso que queres fazer, Crawford? Tens a certeza de que não foi um erro coletivo?

Ele está a dar-me uma saída. Mais por desespero do que por qualquer outra coisa, porque quando a faculdade souber disto, vou ser castigado. A minha única esperança, ao pôr-me em risco, é que verifiquem a minha situação académica e carreira no hóquei antes de me castigarem com algo demasiado severo. O meu castigo será melhor do que o de qualquer outra pessoa da equipa.

— A culpa foi toda minha. Fui eu quem deixou os de Yale entrar. — O Kilner acena com a cabeça e não deixo de reparar no minúsculo lampejo de respeito que passa pelas suas feições, antes de ser substituído pela raiva habitual.

— Vou falar com o reitor. Se alguém tem uma história diferente da do vosso capitão, fale agora.

O ambiente na sala altera-se e sei que a equipa me quer apoiar, mas a minha expressão deve transmitir o que quero, porque voltam todos a sentar-se relutantemente e em silêncio.

— Então por que raio ainda estão aqui! — grita, obrigando-nos a sair da sala de imprensa. O treinador puxa-me para trás. — Quero-te no meu gabinete, depois de tomares banho.

Pela primeira vez, o balneário está estranhamente silencioso e, quando saio do banho, sou recebido pelo Kian.

— Capitão, não precisavas de fazer isso — diz ele, com ar de culpado.

Passo uma toalha pelo cabelo.

— Mas é a verdade. Fiz asneira ontem à noite, não devia ter baixado a guarda.

O Eli senta-se ao meu lado.

— Se é essa a tua conclusão, estás a olhar para o que aconteceu de forma errada. A culpa é de toda a gente, inclusive minha.

Ouvem-se murmúrios pelo balneário, em concordância.

— Sei que me querem apoiar, mas cabe-me a mim ser um bom exemplo e ontem à noite não o fui. Isto não é nenhuma frente unida. O reitor está envolvido, o que significa que iria fazer com que todos fossem castigados. Isso não pode acontecer no início da época. Se for só eu, as consequências não podem ser muito más — digo, com confiança.

A minha confiança diminui quando entro no gabinete do treinador Kilner. Entrar nesta sala nunca é um acontecimento entusiasmante, no entanto, hoje é especialmente triste. Ele está à secretária, batendo no rato com uma mão pesada. Quando, por fim, decide dar-me a sua atenção, faz-me um gesto para me sentar. Continua a torturar o rato até o atirar contra a parede.

Cai no chão em dois bocados.

Engulo em seco.

O Kilner recosta-se na cadeira, apertando a bola de stresse com força suficiente para a rebentar.

— Onde estavas na última sexta-feira, antes do fim do semestre?

A pergunta deixa-me perplexo. Acabei de confessar um caso grave de abandono imprudente e ele está preocupado com o semestre passado? Mal me lembro do que jantei ontem à noite, quanto mais do que estava a fazer há duas semanas.

Contudo, a memória atinge-me em cheio, aclarando a névoa da minha ressaca persistente.

— Depois do treino, fui para casa — digo.

— Os rapazes?

— A mesma coisa.

— Para uma festa?

Merda. Porque é que ele parece tão chateado? A única coisa de que me lembro dessa festa é de uma rapariga loira bonita. Começou a ficar um pouco fora de controlo, mas confiei nos rapazes para tratar do assunto. Foi a única razão pela qual me deixei relaxar ontem à noite. No entanto, nunca menti ao treinador e não vou começar agora.

— Sim, uma festa.

— Ou seja, estás a dizer-me que foi por causa de uma festa, sendo que vocês vão a várias por semana, que faltaste à angariação de fundos para caridade?

Oh, bolas. O jogo de caridade.

Numa tentativa de apaziguar o Kilner, inscrevi toda a gente para treinar as crianças antes do jogo de beneficência. Passar dois dias por semana com crianças irrequietas é complicado e não ajudou o facto de estarmos na época das finais. Por isso, quando deixei de aparecer, todos os outros também deixaram.

— Aqueles miúdos estiveram à tua espera no gelo e não apareceste. E no fim de semana anterior? Foi a mesma coisa?

Aceno com a cabeça. As festas da Dalton nunca abrandam. Se não encontrarem uma, estão a procurar no sítio errado.

Ele solta uma gargalhada sarcástica.

— Perdeste a ação de saúde mental que o departamento de psicologia organizou especificamente para os atletas. A equipa de hóquei não apareceu, nem a de futebol ou de basquetebol.

Para ser justo, não presto atenção aos eventos do *campus*.

— Porque é que é culpa minha?

— Porque em vez de saberem onde tinham de estar, vocês idiotas estavam numa festa qualquer! Se os meus jogadores não honram os seus compromissos, sabes o que faço, Aiden?

— Deixa-os no banco — murmuro.

Agora, ele está a ficar furioso.

— Ótimo, estás a prestar atenção. E sabes porque é que te chamei?

— Porque fui eu que organizei a festa de ontem à noite — respondo — e porque sou o capitão.

— Então sabes que és o capitão? Pensei que talvez estivesses demasiado ressacado para te lembrares! — grita.

Encolho-me.

— Peço desculpa, treinador. Para a próxima...

— Não haverá uma próxima vez. Não me interessa se és a minha estrela ou o cabrão do Wayne Gretzky, serás sempre primeiro um jogador da equipa. — Solta um suspiro profundo e agitado. — Devias estar a liderar a tua equipa, não a participar em jogos estúpidos. Aqueles rapazes respeitam-te, Aiden. Se estás numa festa a pensar com a cabeça errada, eles vão fazer o mesmo. Vê se te recompões, ou não terei alternativa senão suspender-te.

Franzo o sobrolho, confuso.

— O quê? Não é possível que seja suspenso.

— Não estamos a falar das tuas aulas. A festa está a ser investigada.

Ah, merda. Quando disse que não sabia se me iria arrepender de ter bebido até dar de caras com as consequências? Agora, sim, arrependo-me. Ser suspenso é tão mau como rasgar o LCA. Se o caso chegar à liga, enviam agentes para me avaliarem como um jogador elegível. Acabei de assinar contrato com a equipa de Toronto, porque acordos não significavam nada até estarem escritos num papel. Cometer um erro agora seria fatal.

— Não posso ser suspenso.

O treinador acena com a cabeça.

— Estás com sorte, porque antes de o reitor entrar com a suspensão, informou o comité de que qualquer pessoa envolvida no fiasco da festa seria tratada. Como tu assumiste essa responsabilidade estúpida, o teu nome é o primeiro da lista.

Vou matar os meus colegas de equipa.

— Isso quer dizer o quê?

— Deram-me a opção de te suspender ou enviar para serviço comunitário.

Sou coberto por uma onda de alívio.

— Isso é ótimo. Eu faço serviço comunitário. Limpo sozinho cada centímetro do *Sir* Davis Dalton.

O treinador lança-me um olhar inquieto.

— Por muito boa que seja essa imagem mental, não é assim tão simples — informa. — Há muita coisa envolvida nas horas de serviço comunitário elegíveis e, como não temos um precedente, está a ser feito um jogo a jogo.

Bufo.

— Como uma pena de prisão em que saio mais cedo por bom comportamento?

— Não estás em posição de te armares em espertinho — repreende.
— Teria sido obrigado a suspender-te se não fosse por ela.

— Por quem?

3 | SUMMER

O desespero tresanda. Ou talvez seja o balneário da equipa de hóquei depois do treino. O som de chuveiros a correr e vozes altas vagueiam pelos corredores enquanto tento encontrar o gabinete do treinador Kilner. Manter-me afastada do rinkue como se fosse uma doença contagiosa está a revelar-se uma desvantagem quando o corredor longo e de portas azuis se assemelha a um labirinto.

Quando um telemóvel toca atrás de mim, cruzo o olhar com um gajo sem camisola e uma toalha demasiado baixa.

— Summer?

Merda.

— Olá, Kian. — Aceno desajeitadamente.

O Kian Ishida esteve em todas as aulas de psicologia que tive no primeiro ano. Ficámos amigos quando nos cruzámos num seminário, para receber créditos extras, sobre disfunção cerebral. Fiquei contente por ter alguém que se interessava tanto por psicologia do desporto como eu, até descobrir que ele era jogador de hóquei. Para minha desilusão, o extremo-direito com um metro e noventa joga em Dalton desde o primeiro ano. Depois de deter essa informação, a nossa amizade desvaneceu-se, porque a minha vontade de estar longe do hóquei é maior que a profundidade de um oceano. Só o facto de ouvir alguém falar sobre o assunto leva a que as minhas entranhas se agitem numa rotação lenta e agonizante.

Ele caminha na minha direção.

— Mandei-te o meu horário por mensagem. Ficaste com o Chung em Estatística Avançada?

Vi a mensagem dele e temos duas aulas juntos este semestre. Esperava encontrar um lugar ao fundo da sala para o evitar.

— Sim, e Filosofia com o Kristian.

— Que bom, vemo-nos na aula, então. — O meu sorriso falso não corresponde ao seu brilhante. — Que estás a fazer aqui? Não achei que fosses fã de hóquei.

— Não sou. Vim falar com o treinador Kilner. Sabes onde é o gabinete dele?

Com um olhar confuso, percorre o corredor, antes de reprimir um sorriso.

— Onde está a piada? — pergunto, com cautela.

— Nada. — Ele aclara a garganta. — É a última porta à direita. Vejo-te nas aulas, Sunny. — Vai-se embora antes que eu possa analisar a sua expressão ou a alcunha estranha.

Ao encontrar a porta do treinador Kilner, bato no painel de vidro translúcido e uma voz áspera diz:

— Entre.

A porta range sinistramente, como se me dissesse para fugir antes de ser apanhada numa confusão. Deparo com um treinador Kilner sorridente e uma pessoa sentada à sua frente. Com o cabelo molhado do banho e o logótipo da Dalton nas costas da camisola.

Faço uma pausa, avaliando se estou a incomodar, mas o treinador acena-me para entrar.

— Sente-se, menina Preston. — O rapaz não fala comigo quando me sento ao seu lado e eu não me incomodo. — A Laura contactou-me por causa da tua missão. Já sei que queres escrever o teu projeto à volta do hóquei.

Preferia escrever um sobre a pastilha elástica na sola do sapato dele, mas não posso dizer exatamente isso.

— Exato. Será uma investigação sobre atletas universitários e esgotamentos nervosos, para a minha candidatura a mestrado — explico.

— Ótimo. Nesse caso, apresento-te o Aiden Crawford, o capitão da equipa de hóquei.

Arregalo os olhos, alarmada. O capitão? Vão obrigar-me a fazer a minha pesquisa com o *capitão*?

— Oh. Isso é fixe, mas posso trabalhar com um jogador da terceira ou quarta liga. Não quero perturbar a equipa.

— Não vais perturbar nada. Além disso, o Aiden precisa disto — diz ele, com alguma tensão a sufocar-lhe as palavras. É óbvio que tiveram uma conversa acalorada antes de eu entrar. O que explicaria o porquê de o capitão estar a ferver ao meu lado. — *Não é, Aiden?*

Desta vez, viro-me para ele. Observo-lhe o cabelo castanho ondulado e a pele impecável. O seu perfil podia ser confundido com um dos modelos dos calendários de bombeiros da Amara. Apesar de tudo, continua a parecer um sacana.

— Treinador, vai ser uma perda do meu tempo. — A sua voz grave está cheia de uma irritação mal contida. — Esta não pode ser a minha única opção.

Que surpresa. A minha previsão em relação ao capitão de hóquei provou estar correta.

— O meu trabalho de conclusão de licenciatura não é uma perda de tempo — digo.

— Talvez não para ti — responde ele, sem olhar para mim. O gajo nem sequer se dá ao trabalho de me insultar na cara. Este é o meu pior pesadelo e, agora, tenho de lidar com *ele* ainda por cima?

— Não tenho de ficar aqui sentada a ouvir-te ser um idiota. — Não consigo reprimir a raiva que sobe à superfície.

É então que ele se vira, com os olhos verdes profundos semicerrados quando encontra os meus, mas o treinador Kilner interrompe a troca de olhares intensa.

— Muito bem, já chega. Aiden, não estás numa posição em que seja possível discutires sobre esta decisão.

— Eu não o vou fazer, treinador. Posso participar em angariações de fundos e ensinar miúdos, mas isto não.

Ele está a agir como se eu nem sequer estivesse aqui. A sua birra está a incitar a raiva que a Langston tinha acendido há pouco. A irritação sobe-me pela espinha.

— Não penses que estou ansiosa por trabalhar com um jogador de hóquei, Clifford.

— Crawford — corrige ele.

O treinador suspira.

— Não estou aqui para tomar conta de nenhum de vocês. Dei-vos uma tarefa. O resto podem resolver como adultos.

— Mas treinador...

— Sabes as consequências, Aiden. — Ele lança-lhe um olhar severo e o maxilar do Aiden fica tenso. — Menina Preston, és livre de discutir uma troca com a tua professora. Mas sabes que não vais conseguir um candidato melhor do que o capitão.

Quando ele sai, o Aiden pragueja baixinho. Passa uma mão frustrada pelo cabelo, antes de se virar para mim.

— Ouve, peço desculpa, mas não te posso ajudar com o teu trabalho. Tens de encontrar outra pessoa.

Ele não parece lamentar nem um pouco.

— É óbvio. Não és propriamente a rainha do baile.

A forma como ele ergue a cabeça dá-me alguma satisfação.

— Sou o capitão da equipa. Sou *literalmente* a rainha do baile.

— Também és o palhaço do baile e essas duas coisas não se misturam bem.

Ele lança-me um olhar furioso.

— Ainda bem que achas isso, porque não vamos trabalhar juntos. Não sou a tua experiência de investigação.

— Ótimo! Não quero que sejas — respondo, empurrando a cadeira para trás. — Malditos jogadores de hóquei. — Bato com a porta atrás de mim. Não podia ter saído dali mais depressa nem se houvesse um incêndio. A julgar pela forma como o seu olhar ardia, antes houvesse.

O ar frio de janeiro não me refresca a pele quando me dirijo para o edifício de psicologia. A meio caminho, sou envolvida num abraço.

— Sampson — suspiro.

O Sampson solta-me.

— Ah, então lembras-te de mim?

— Cala-te, eu vi-te antes do intervalo — digo, empurrando-o.

O Tyler Sampson é o único jogador de hóquei com quem consigo falar sem ficar com urticária. Crescemos juntos porque os nossos pais são os melhores amigos e ficámos ao lado um do outro em todos os eventos familiares custosos.

Ele observa-me.

— Porque é que pareces tão chateada com aquele edifício?

— Não estou chateada com o edifício. Estou chateada com o demónio que lá está dentro. — Respiro fundo, olhando para ele. — Vais-te rir.

Ele faz-me um olhar para continuar.

— Sabes aquele trabalho de investigação que tenho de apresentar com a candidatura para o estágio?

Ele acena com a cabeça.

— A Langston decidiu que o desporto que tinha de abordar era o hóquei.

O Tyler sabe da minha relação turbulenta com o meu pai, por isso a sua reação surpreendida é esperada.

— E vais lá discutir com ela? Tens a certeza?

Ergo o queixo, com confiança.

— Estou a defender-me.

— Summer, pensa só por um segundo. Ela deu-te um trabalho e tu vais lá dizer-lhe que não? A mulher que rejeitou a tese de um aluno porque ele escreveu duas vezes a mesma referência? — Ele lança-me um olhar incisivo. — Achas que vai gostar que recuses algo que *ela* te pediu?

Lembro-me de essa história ter circulado, mas não sei toda a verdade. A Langston é rigorosa, mas não é irracional. Embora tenha ameaçado dar o meu lugar a outra pessoa.

Sinto um frio na barriga.

— Não me estou a sentir muito bem.

Estou quase a chorar quando o Sampson me agarra nos braços.

— Vais ficar bem, são só uns meses. Mas se não conseguires mesmo, pelo menos apresenta-lhe uma proposta alternativa.

— Ou seja, um desporto diferente? Ela já disse que não.

— Tenta outra vez.